

# BELEZA E SUBLIMIDADE CLAVE TEOLÓGICA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

*Mons. João Scognamiglio Clá Dias*<sup>1</sup>

## **Resumo**

O autor discorre sobre como o homem contemporâneo obnubilou, de certa forma, seu senso moral, surgindo, em consequência, uma crise em diversos campos. Recorda a *Consecratio Mundi* como resposta dos Papas para enfrentar o secularismo, de modo a que se favoreça a contemplação de Deus através dos mais variados reflexos da Criação, e assim se possa saciar a aridez espiritual de nossos dias. Por fim, propõe a *Via Pulchritudinis* para os múltiplos campos de ação da Igreja, da Liturgia à Cultura, como desafio para a evangelização e forma de diálogo acessível a todos, capaz de produzir um *choque de conversão*.

## **Abstract**

The author considers how contemporary man has, in a certain way, clouded his moral sense which has consequently sparked a crisis in the most diverse fields. He recalls the *Consecratio Mundi* as a response of the Popes to confront secularism, since it favours the contemplation of God through the most varied reflections of creation, satiating, in this way the spiritual aridity of our days. Finally, he proposes the *Via Pulchritudinis* for the multiple fields of action of the Church, from Liturgy to Culture, as a challenge for evangelization and a form of dialogue accessible to all, capable of producing a *shock of conversion*.

---

1) Mons. João Scognamiglio Clá Dias é cônego honorário da Basílica Papal de Santa Maria Maior, em Roma, e Protonotário Apostólico supranumerário, doutor em Direito Canônico pelo *Angelicum* e mestre em Psicologia pela *Universidad Católica de Colombia*. Recebeu o título de *Doctor Honoris Causa* pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro. É fundador e Presidente Geral dos Arautos do Evangelho, fundador e Superior Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica *Virgo Flos Carmeli* e fundador da Sociedade de Vida Apostólica Feminina *Regina Virginum*, três entidades de Direito Pontifício. É membro da Sociedade Internacional São Tomás de Aquino (SITA), e da Pontifícia Academia da Imaculada, e também fundador desta revista.

## **Introdução**

Deixou Deus a lei natural vincada de forma indelével no coração do homem, para que ela sempre lhe lembrasse o bem a ser praticado e o mal a ser evitado. Esta lei, todavia, não possui a eficácia de outrora sobre o livre-arbítrio do homem que, quando o emprega mal, a pode desprezar. Consentindo em realizar atos diferentes dos indicados pela própria consciência inocente e reta, ele busca justificá-los com falsos argumentos, a fim de encontrar aberturas diante de si as portas para realizar novas ações contrárias à Lei.

Ao abraçar essa via, a criatura racional paulatina e progressivamente obnubila seu senso moral até reduzir ao mínimo sua noção de bem e de mal, assim como a dos outros transcendentais do ser. Trata-se de um dos maiores infortúnios que pode suceder ao homem, pois como consequência, passará a ostentar um “coração de pedra” (Ez 11, 19), no qual quase não mais se notarão as amorosas marcas da Lei impressas pelo dedo de Deus.

Com efeito, é inegável ter havido no século XX um vertiginoso progresso em todos os campos do conhecimento humano, do qual não ficou excluído o da filosofia. Empenhado este ramo do saber na busca da verdade, acabou, em nossa época, por concentrar sua atenção sobre o homem, favorecendo de alguma forma o progresso da cultura.

No entanto, como assinala o Servo de Deus João Paulo II na Encíclica *Fides et Ratio*, a razão, por se ter voltado demasiadamente para a investigação do homem, “parece ter-se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o transcende” (n. 5).

Cabe à Igreja, depositária da Revelação de Jesus Cristo, recordar ao homem moderno a necessidade da reflexão sobre a verdade, tarefa que o Papa João Paulo II retoma na sua mencionada encíclica. Ao fazê-lo, o Pontífice aponta também alguns desvios do pensamento que caracterizam certas correntes contemporâneas:

A razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar e de ousar atingir a verdade [...]. Daí provieram várias formas de agnosticismo e relativismo. [...] Ganharam relevo diversas doutrinas que tendem a desvalorizar até mesmo aquelas verdades que o homem estava certo de ter alcançado. [...] Neste horizonte, tudo fica reduzido a mera opinião (*Idem*).

Já no meio-dia do século XX, o Concílio Vaticano II uma vez mais insistia na necessidade de que o mundo hodierno endireitasse suas vias se quisesse colher os frutos de um verdadeiro progresso cultural, pois este, furtando-se à solicitude retificadora da Igreja, acabaria por se desviar de sua própria finalidade que é a elevação do espírito humano:

A boa nova de Cristo renova continuamente a vida e a cultura do homem decaído e combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, realizando a própria missão, já com isso estimula e ajuda a cultura humana, e com a sua atividade, incluindo a liturgia, educa o homem à liberdade interior (*Gaudium et Spes*, n. 58).

### *A crise dos dias atuais*

Falar da crise do mundo hodierno é quase uma banalidade, tão evidente e ampla ela é. Não seria exagero afirmar que essa crise atinge a totalidade dos campos de ação do homem: a família, a economia, a sociedade, a arte, a cultura, etc. Todos lhe sentem os efeitos, mas poucos conseguem definir seus contornos, determinar suas causas, apontar sua solução. Talvez as questões financeiras sejam mais evidentes, por serem facilmente avaliadas de um ponto de vista quantitativo. O próprio Concílio Vaticano II, ao manifestar sua solicitude pastoral em relação aos problemas de então, aborda esse ponto com grande acuidade, como médico cuidadoso que procura diagnosticar a doença e os campos onde essa misteriosa crise se manifesta:

Massas crescentes praticamente se afastam da religião. Ao contrário do que sucedia em tempos passados, negar Deus ou a religião, ou prescindir deles já não é um fato individual e insólito: hoje, com efeito, isso é muitas vezes apresentado como exigência do progresso científico ou de um novo tipo de humanismo. Em muitas regiões, tudo isto **não é apenas afirmado no meio filosófico, mas invade em larga escala a literatura, a arte, a interpretação das ciências do homem e da história e até as próprias leis civis**; o que provoca a desorientação de muitos (*Idem*, n. 7. Grifo do autor).

Paulo VI, que levava a seu termo o Concílio Vaticano II, não se abateu pelos problemas que emergiam da modernidade, nem por isso deixava de reconhecer e delinear sua existência, conforme escreveu aos sacerdotes:

O mundo em que hoje vivemos, **perturbado por uma crise de crescimento e de transformação**, justamente orgulhoso dos valores e das conquistas humanas, tem neste momento, **necessidade urgente do testemunho de vidas consagradas aos mais altos e sagrados valores espirituais, para que não lhe falte a rara e incomparável luz das mais sublimes conquistas do espírito** (*Sacerdotalis Caelibatus*, n. 46. Grifo do autor).

O Servo de Deus João Paulo II viveu um dos períodos mais convulsionados e dramáticos do século XX: a Segunda Guerra Mundial. Durante longos anos experimentou ele a falta de liberdade e a pobreza generalizada. Seu pontificado, um dos mais longos da Igreja, presenciou também os grandes problemas do mundo moderno, especialmente a grave crise de fé que atinge uma civilização que outrora se dizia cristã, o que está consignado em vários documentos, tal como sua primeira Encíclica, *Redemptor Hominis*:

O nosso século tem sido até agora **um século de grandes calamidades para o homem**, de grandes devastações, não só materiais, mas também morais, ou melhor, talvez **sobretudo morais**. [...] Importa verificar que até agora este século foi um tempo em que os homens prepararam para si mesmos muitas injustiças e sofrimentos (n. 17. Grifo do autor).

Também na *Christifideles laici*, assim se dirigia aos leigos do mundo inteiro, mostrando os contornos das provas a que se está sujeito no mundo atual:

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos passados tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até **são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo**. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar econômico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver «como se Deus não existisse» (*Christifideles laici*, n. 34. Grifo do autor).

Sendo o secularismo uma das características essenciais da crise hodierna, tantas vezes apontado pelos últimos pontífices, convém dar aqui sua clara definição, utilizando as palavras de Bento XVI:

A secularização, que se apresenta nas culturas como um delineamento do mundo e da humanidade sem referência à transcendência, impregna todos os aspec-

tos da vida cotidiana e desenvolve uma mentalidade em que Deus se tornou total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem.<sup>2</sup>

Graças aos ensinamentos emanados do sôlio pontifício, viu-se até aqui a envergadura do drama atual, medida, principalmente, nos seus aspectos morais. Descortina-se assim um vasto campo de ação ao qual está chamado todo o contingente católico mundial e que, em síntese, consiste em agir no extremo oposto à mentalidade secularista desta época.

### ***Promoção da cultura católica***

O novo tipo de humanismo que nega a Deus e a religião,<sup>3</sup> engendrado pelo secularismo atual, afeta uma boa parcela do mundo contemporâneo, bem como suas mais diversas atividades. Torna-se indispensável, por essa razão, que a influência da Igreja volte a permear o âmago da sociedade e da cultura. Eis a tarefa designada pelos Papas como a “*Consecratio Mundi*”, ou seja, influenciar as realidades temporais com o espírito cristão, uma verdadeira sacralização do mundo. São muito expressivas as palavras de Pio XII a esse respeito: “As relações entre a Igreja e o mundo exigem a intervenção dos apóstolos leigos”. Essa “é, no essencial, obra dos próprios leigos, de homens que estão intimamente entremeados à vida econômica e social, que participam do governo e das assembleias legislativas”.<sup>4</sup>

Em numerosas ocasiões, o Servo de Deus João Paulo II destacou a importância da evangelização nos meios culturais. Através da Exortação Apostólica *Christifidelis laici* aquele saudoso Papa abordou de modo particular a sua urgência pastoral:

Perante o progresso de uma cultura que aparece divorciada não só da fé cristã mas até dos próprios valores humanos, bem como perante uma certa cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta à premente procura de verdade e de bem que arde no coração dos homens, a Igreja tem plena consciência da urgência pastoral de se dar à cultura uma atenção toda especial.

Por isso, a Igreja pede aos fiéis leigos que estejam presentes, em nome da coragem e da criatividade intelectual, nos lugares privilegiados da cultu-

---

2) *Discurso do Papa Bento XVI à Assembléia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*. 8 de Março 2008.

3) A este respeito, ver tanto a *Gaudium et Spes* n. 7, quanto a *Fides et Ratio* n. 46.

4) *Discurso aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos*, Documentos pontifícios, 2 ed. no. 127. Petrópolis: Vozes, 1960. p. 18.

ra, como são o mundo da escola e da universidade, os ambientes da investigação científica e técnica, os lugares da criação artística e da reflexão humanística. Tal presença tem como finalidade não só o reconhecimento e a eventual purificação dos elementos da cultura existente, criticamente avaliados, mas também a sua elevação, graças ao contributo das originais riquezas do Evangelho e da fé cristã (n. 44).

Com efeito, a “*Consecratio Mundi*” possui importância capital em ordem à salvação das almas e ao combate aos erros do secularismo. Uma evangelização eficaz não se pode limitar à sua mínima expressão, fazendo com que as pessoas peçam os Sacramentos e se arrependam de seus pecados à hora da morte, o que de si já seria uma conquista de inestimável valor.

Urge que os fiéis conformem suas existências às promessas do batismo. Mais que isso, é necessário que a vida, inclusive na sociedade temporal, seja uma preparação, um “noviciado” para a vida eterna.<sup>5</sup> Para tanto, faz-se indispensável que a sociedade esteja impregnada do espírito cristão, de forma a facilitar a prática da virtude, pois, é esse o fim da vida em sociedade:

A vontade de Deus com respeito ao mundo é que os homens, em boa harmonia, edifiquem a ordem temporal e a aperfeiçoem constantemente. Todas as realidades que constituem a ordem temporal — os bens da vida e da família, a cultura, os bens econômicos, as artes e profissões, as instituições políticas, as relações internacionais e outras semelhantes, bem como a sua evolução e progresso — não só são meios para o fim último do homem, mas possuem valor próprio, que lhes vem de Deus, quer consideradas em si mesmas, quer como partes da ordem temporal total: «E viu Deus todas as coisas que fizera, e eram todas muito boas» (Gn 1, 31). Esta bondade natural das coisas adquire uma dignidade especial pela sua relação com a pessoa humana, para cujo serviço foram criadas. Finalmente, aprouve a Deus reunir todas as coisas em Cristo, quer as naturais quer as sobrenaturais, «de modo que em todas Ele tenha o primado» (Col 1, 18) (AA, n. 7).

---

5) “A Igreja ensina que a vida terrena deve ser comparada a um noviciado. O noviço deve adquirir os conhecimentos e as virtudes que o tornem apto para a vida religiosa. O homem deve adquirir na vida terrena os conhecimentos e as virtudes que o tornem apto para o Céu” (CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Ministerialidade da ordem temporal em relação à Igreja*. Artigo não publicado, 1950).

## ***Relação entre a esfera espiritual e a temporal***

As considerações sobre a cultura e a “*Consecratio Mundi*” trazem consigo um importante aspecto a ser precisado: o âmbito de ação da sociedade espiritual e da temporal, bem como seus respectivos limites. O Papa Bento XVI tem abordado frequentemente o tema, referindo-se a uma “sã laicidade”<sup>6</sup> que é preciso respeitar. Em outros termos, a Igreja não deve interferir na esfera temporal própria ao Estado, mas este deve garantir, da forma mais ampla e estável, a liberdade religiosa dos cidadãos. Cabe-lhe ainda zelar pelos princípios éticos que são patrimônio comum da humanidade: a Lei Natural, sintetizada no Decálogo.

Entretanto, comprova-se hoje uma lamentável dicotomia entre a esfera espiritual e a temporal, num contraste que torna a segunda cada vez mais oposta à primeira.

Considere-se, por exemplo, um fervoroso fiel que faça da vida litúrgica o centro de sua espiritualidade. Aproximando-se a cada dia da Eucaristia, estabelece ele uma ligação íntima com Deus, solidifica-se na Fé e sente o apelo interior para progredir nas demais virtudes. Porém, ao retirar-se do templo sagrado, se depara com um mundo secularizado onde tudo lhe fala aos sentidos opostamente ao que ele viveu na igreja durante escassos minutos.

A propaganda dos avanços técnicos insinua a deificação do homem; a propaganda e a mídia convidam incessantemente à intemperança e favorecem a sensualidade; as mil facilidades das cidades modernas incentivam ao gozo da vida; a velocidade arranca o homem do ritmo equilibrado que possui em si mesmo, impedindo-o de refletir e encontrar a Deus no interior de seu próprio coração; as constantes novidades apresentadas pelo consumismo desviam a atenção das maravilhas da criação; a mentalidade igualitária impede de ver nos superiores, e até nos inferiores, imagens de Deus.

Se bem que caiba ao Estado a assistência aos fins naturais da sociedade humana, enquanto os fins sobrenaturais parecem pertencer a outra ordem,

---

6) “Sem dúvida, esta ‘sã’ laicidade do Estado comporta que cada realidade temporal seja regida segundo normas próprias, que todavia não devem descuidar as instâncias éticas fundamentais, cujo fundamento se encontra na própria natureza do homem e que, precisamente por este motivo, remetem em última análise para o Criador. Quando a Igreja católica, através dos seus Pastores legítimos, faz apelo ao valor que alguns princípios éticos fundamentais, arraigados na herança cristã da Europa, revestem para a vida privada, e mais ainda para a pública, é impelida unicamente pelo desejo de garantir e promover a dignidade inviolável da pessoa e o bem autêntico da sociedade” (BENTO XVI. *Discurso ao novo Embaixador da República de São Marino junto à Santa Sé*. 13 de Novembro 2008).

“ambas as realidades devem estar abertas uma à outra”,<sup>7</sup> pois, de acordo com São Tomás de Aquino:

A sociedade humana tem fins próprios que são ‘fins naturais’, que há que atender e realizar. Os fins espirituais e o bem supremo não são incompatíveis com o bem comum da sociedade como tal; pertencem a outra ordem. Há que estabelecer como se relacionam as duas ordens mas sem destruir uma delas.<sup>8</sup>

Assim sendo, a Igreja procura a harmonia e aceita de braços estendidos a cooperação, conforme afirmou João Paulo II:

A Igreja nunca deixa de apreciar e alegrar-se com tudo aquilo que favorece a vivência da verdade integral do homem; não pode não congratular-se com os esforços que se envidam para tutelar e defender os direitos e liberdades fundamentais de cada pessoa humana; e rejubila e agradece ao Senhor da vida e da história, quando planificações e programas — de caráter político, econômico, social e cultural — são inspirados no respeito e amor da dignidade do homem, em demanda da ‘civilização do amor’.<sup>9</sup>

Desta forma, reconhece-se o papel e os numerosos aspectos por onde a sociedade temporal pode beneficiar a sede espiritual do homem contemporâneo e contribuir para o bem comum da sociedade.

### ***Os aspectos espirituais da sociedade temporal favorecem a contemplação***

Encontra-se generalizada a ideia de que a sociedade temporal existe apenas para satisfazer as necessidades materiais do homem. Ora, este é composto de alma e corpo, no qual o espírito ocupa a primazia.<sup>10</sup> Por isso, a sociedade temporal deve também atender aos anseios espirituais da alma humana, embora o aspecto sobrenatural pertença ao âmbito exclusivo da Igreja. O homem é, por natureza, um ser contemplativo, pois está destinado a ver a Deus face a face

---

7) RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade, Tolerância*. Lisboa: Traduções UCEDITORIA, 2007. p. 106.

8) Apud FERRATER MORA, José. Dicionário de Filosofia. Tradução de António José MASSANO; Manuel PALMEIRIM. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978. p. 30-31.

9) *Discurso do Papa João Paulo II aos Membros do Governo Português*. 12 de Maio 1982.

10) Cf. ARISTÓTELES. De Anima. L. II, lição IV. In: SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Comentario al libro del alma de Aristóteles*. Buenos Aires: Fundación Arché, 1979, p. 170.

na eternidade. Portanto, já nesta vida ele deve exercitar essa capacidade, reconhecendo os reflexos de Deus na obra da Criação e, mais ainda, nos outros homens, que são a imagem mais perfeita do Criador no universo visível.

O homem poderá desenvolver a capacidade contemplativa, com maior grau de perfeição, no convívio humano e na consideração dos bens mais elevados que são o resultado da vida social, quer sejam os ambientes, a arte, a cultura e a civilização. Estes são elementos caracteristicamente espirituais produzidos pela sociedade temporal, e que grande influência têm sobre a alma humana. Animando com o espírito cristão as realidades temporais, objeto da contemplação mais imediata do homem, a alma humana terá muito mais facilidade de se elevar até as verdades da Fé. Dessa forma, a intimidade com Deus não se restringe apenas a determinados momentos reservados às obrigações religiosas, mas se estende a todo o operar humano, tal como a respiração não se interrompe em nenhum momento da existência. Ela é natural, sem esforço, contínua e aprazível.

A doutrina do Concílio Vaticano II, expressa no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, é igualmente clara ao ressaltar a importância da esfera temporal no plano salvífico de Deus:

A obra redentora de Cristo, que por natureza visa salvar os homens, compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Daí que a missão da Igreja consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e atuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais. Por este motivo, os leigos, realizando esta missão da Igreja, exercem o seu apostolado tanto na Igreja como no mundo, tanto na ordem espiritual como na temporal. Estas ordens, embora distintas, estão de tal modo unidas no único desígnio divino que o próprio Deus pretende reintegrar, em Cristo, o universo inteiro, numa nova criatura, dum modo incoativo na terra, plenamente no último dia. O leigo, que é simultaneamente fiel e cidadão, deve sempre guiar-se, em ambas as ordens, por uma única consciência, a cristã. (AA, n. 5)

É importante salientar aqui como o Concílio Vaticano II, ainda nos dias em que o assunto não havia adquirido o devido destaque nos meios eclesiais, deu novo impulso ao papel dos leigos na Igreja. Nele se anteciparam os imensos desafios que o terceiro milênio reservava. Com efeito, um deles é a “*Consecratio Mundi*”. Quase se poderia dizer, caso a Igreja não fosse imortal, ser essa uma questão de vida ou morte. Se no século XXI a Igreja não conseguisse influenciar as realidades temporais com o espírito cristão, os erros e a

mentalidade secularista desta época poderiam, em certa medida, dessacralizá-la.

Diante dessa perspectiva, compete aos leigos zelar para que os ambientes, a arte, os costumes, as leis e as instituições, de alto a baixo na escala social, estejam todos impregnados do espírito cristão de forma que a obra redentora de Cristo produza também seus efeitos na esfera temporal. Deverá ela refletir, a seu modo, a luz e o esplendor daquele que subiu aos céus para “levar tudo à plenitude” (Ef 4, 10).

### ***Importância do Primeiro Mandamento***

Muitas vezes o ensino catequético, ao abordar o tema do Decálogo, trata do primeiro mandamento de forma superficial, ressaltando apenas os outros nove preceitos da Lei no seu aspecto proibitivo.<sup>11</sup> No entanto, “amar a Deus sobre todas as coisas” é essencial para o cumprimento dos restantes preceitos da Lei, sobretudo para o amor ao próximo: “Ama o Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento” (Mt 22, 37-38).

Se o amor a Deus for intenso, ardoroso, ter-se-á maior energia para vencer as solicitações do mal, por mais atraentes que possam parecer no secularizado mundo de hoje. Todavia, como estimular nas almas essa fervorosa caridade que vemos faltar em tantos que se deixaram arrastar pela atração ilusória do consumismo e do gozo da vida? No fundo, como traduzir em termos concretos, acessíveis e atraentes, a prática do amor a Deus?

### ***O conhecimento de Deus***

Afirma Santo Agostinho (Cf. *Confissões*, Livro I), e o recordam tantos outros santos, como, por exemplo, Santa Catarina de Sena (Cf. *O Diálogo*, cap. 41), não se poder amar aquilo que não se conhece. Para amar a Deus, é necessário conhecê-Lo. Mas, não sendo Ele visível, como se opera esse conhecimento?

Sabe-se que, em Sua Infinita misericórdia, Deus revelou-Se ao homem, dando-lhe a conhecer os mais elevados e sublimes mistérios, como, por exemplo, o da Sua vida íntima: a Trindade na Unidade. Tais píncaros da Verdade, a inteli-

---

11) Na linguagem semítica os Mandamentos têm um sentido altamente positivo, pois, a proibição de matar, por exemplo, implica na valorização de um precioso dom de Deus: a vida.

gência humana não os alcança *de per se*, e precisa da ajuda sobrenatural da graça. Por outro lado, é doutrina consagrada da Igreja — formulada claramente na *Dei Filius* do Concílio Vaticano I e confirmada pela *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II — a existência da capacidade natural da razão humana, por ter sido o homem criado à imagem de Deus (Cf. Gn 1, 27), de conhecê-Lo a partir das Suas criaturas. Esta forma de conhecimento natural, se bem que inferior ao obtido através da Fé, é todavia um pressuposto para acolher a Divina Revelação<sup>12</sup>.

Pode-se deduzir daí a importância atribuída por São Paulo ao conhecimento natural do Criador, quando afirma: “Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras” (Rm 1, 20). Entende-se, igualmente, a causa de sua recriminação aos gentios, por terem recusado elevar-se a Ele através da contemplação das coisas criadas: “Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças” (Rm 1, 21).

Veja-se, por exemplo, a explicação dada por São Tomás sobre a possibilidade de o homem conhecê-Lo pela razão natural:

Em sentido contrário se diz na Carta aos Romanos: ‘Pois o que é conhecido de Deus é para eles manifesto’, a saber, o que de Deus é cognoscível pela razão natural. [...] Porque as criaturas sensíveis são efeitos de Deus que não se igualam ao poder da causa. Por esta razão, a partir do conhecimento das coisas sensíveis, não se pode conhecer todo o poder de Deus, nem por conseguinte ver sua essência. No entanto, como são efeitos que dependem da causa, podemos por eles ser conduzidos a conhecer de Deus que existe, e a conhecer aquilo que é necessário que lhe convenha como à causa primeira universal, que transcende todos os seus efeitos. [...]

Deve-se dizer que o conhecimento de Deus em sua essência, sendo um efeito da graça, só cabe aos bons; porém, o conhecimento de Deus pela razão natural pode caber tanto aos bons quanto aos maus.<sup>13</sup>

O Catecismo explica a função pedagógica da Criação quando considerada como um reflexo de seu Criador:

As criaturas, todas elas, trazem em si certa semelhança com Deus, muito particularmente o homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Por isso as múltiplas perfeições das criaturas (sua verdade, bondade e beleza)

---

12) Ver Catecismo da Igreja Católica, n. 36.

13) *Summa Theologiae* 1 q. 12, a. 12.

refletem a perfeição infinita de Deus. Em razão disso podemos falar de Deus a partir das perfeições de suas criaturas, ‘pois a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor’ (Sb 13, 5).<sup>14</sup>

Por ter feito Deus todas as coisas com sabedoria, deixou a divina marca nas inumeráveis obras de suas mãos. E assim como pode o homem culto reconhecer o autor de um quadro ou de uma composição musical pelo característico e inconfundível estilo com que está realizada, assim a alma sedenta de Deus suspirará por Ele ao contemplar a harmonia, a perfeição e a beleza do Universo. Sendo a criação um espelho das perfeições divinas, sua contemplação amorosa constitui um meio precioso para que a alma se eleve até Deus e pratique mais facilmente o Primeiro Mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas.

O tema tem sido tratado pela Teologia, ao longo dos séculos, sob diversos prismas: *via eminentiae*, segundo os neoescolásticos; *via pulchritudinis* é a denominação adotada na atualidade. Sua fundamentação teológica será apresentada a seguir, ao mesmo tempo que se abordam algumas questões pastorais ligadas ao tema. Explica o Pe. Emilio Sauras, OP:

Conocemos a Dios con nociones tomadas de las criaturas, que le vienen cortas y no pueden darnos una idea exacta y acabada suya. Las utilizamos con su valor analógico; lo que quiere decir que son nociones que, atribuidas a las criaturas, tienen un sentido, y atribuidas al Creador tiene ese mismo sentido, pero con determinaciones específicamente diversas. La parte coincidente que hay en los diversos analogados es lo que pudiéramos llamar parte luminosa; la no coincidente es la zona de obscuridad y de misterio. Y así, cuando decimos de Dios que es bueno, le atribuimos la bondad que en nosotros, criaturas suyas, hay; pero no igual, sino mayor. A esto se reducen las tres clásicas vías del conocimiento de Dios; *via causalitatis*, por la que se le atribuyen las perfecciones que hay en sus efectos; *via negationis*, por la que se le niegan las limitaciones que tales perfecciones tienen en sus efectos, y *via eminentiae*, por la que se le atribuyen en un grado superior al que en los efectos tienen.<sup>15</sup>

### ***A procura do Absoluto***

Dentre as diversas formas do conhecimento analógico de Deus acima mencionadas, a *via eminentiae* procura atribuir às coisas visíveis graus de perfeição

---

14) CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 41.

15) SAURAS, Emilio. *El Cuerpo Místico de Cristo*. Madrid: BAC, 1952, p. 32-33.

ção superiores aos que possuem, como forma de elevar a alma a Deus na consideração admirativa do Universo.

Entende-se a importância primordial de uma correta impostação de espírito na consideração da criação, no sentido de favorecer os bons frutos da catequese e da formação cristã, pois ao se tomar uma pessoa, educada na escola da “procura do absoluto”,<sup>16</sup> para ela, acreditar nos conteúdos da Fé, torna-se algo quase conatural. Saber que aquele Deus, por ela tão almejado, revelou-Se misericordiosamente, produz-lhe um grande gáudio interior, levando-o a exclamar com Jeremias: “Bastava descobrir as tuas palavras e eu já as devorava, tuas palavras para mim são prazer e alegria do coração” (Jr 15, 16).

Quando São Tomás se pergunta — seguindo seu método clássico inspirado nas *disputationes* medievais — pela origem da desigualdade das coisas, defronta-se com algumas objeções, dentre as quais chamamos a atenção sobre a primeira, sobretudo pela resposta a ela dada pelo santo doutor. Com efeito, se Deus é o ótimo por essência, não pode ter criado senão coisas ótimas, as quais deveriam ser todas necessariamente iguais. Pois, a partir do momento que uma fosse melhor que a outra, a inferior deixaria de ser ótima. (cf S Th I, q. 47, a. 2)

Responde São Tomás com seu clássico estilo:

A un agente óptimo le corresponde producir todo su efecto de forma óptima. Sin embargo, no en el sentido de que cada una de las partes del todo que hace sea absolutamente óptima, sino que es óptima en cuanto proporcionada al todo. [...] Así, de cada una de las criaturas se dice en el Gen 1, 4, *Vio Dios que la luz era buena*. Lo mismo se dice de las demás cosas. Pero de todas en conjunto dice (v. 31): *Vio Dios todo lo que había hecho y era muy bueno*.

As perfeições de Deus, refletidas nas várias criaturas em diversos graus e modos, têm sua representação mais admirável no conjunto da Criação, a qual forma como que um imenso e magnífico mosaico que reproduz a Beleza incriada. O Universo é melhor do que cada uma das partes, por refletir com maior perfeição a grandeza e majestade de Deus.

Seguindo o divino exemplo, a alma que trilha as vias da “procura do absoluto” não deve se deter apenas na consideração de cada uma das obras de

---

16) Tendo visto como pela busca do *pulchrum* se tende à perfeição, com magnanimidade e senso de hierarquia, compreende-se melhor essa contemplação das criaturas rumo ao que é mais elevado, que, por herança do Prof. Corrêa de Oliveira, na instituição dos Arautos se designa por “procura do Absoluto”, e em linguagem escolástica é chamada conhecimento analógico de Deus.

Deus isoladamente, mas é chamada a admirar a ordem do Universo no seu conjunto.

Entretanto, há uma obra na Criação que o fiel deve considerar com um amor que toca quase na adoração: é a Igreja Católica, Apostólica e Romana. Nela, se reflete de modo ainda mais perfeito a beleza infinita de Deus, pois ela é “toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 27). O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira assim falava da Santa Igreja, como obra-prima de Deus:

Deus Se reflete, ainda, em uma obra-prima mais alta e mais perfeita do que o Cosmos. É o Corpo Místico de Cristo, a sociedade sobrenatural que veneramos com o nome da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Constitui Ela mesma, todo um universo de aspectos harmônicos e variegados, que cantam e refletem, cada qual a seu modo, a formosura santa e inefável de Deus e do Verbo Encarnado.

Na contemplação, de um lado, do Universo e, de outro lado, da Santa Igreja Católica, podemos elevar-nos à consideração da beleza santa, infinita e incriada de Deus.<sup>17</sup>

### *A ação do Espírito Santo*

Essa impostação de alma — de amor aos aspectos mais sublimes da ordem do Universo —, não se trata tão só de uma operação da razão natural, pela qual se busca entender o simbolismo das criaturas e discernir nelas um espelho das qualidades de Deus.

Com efeito, para adquirir uma penetrante e vasta visão da beleza do criado e sua relação com o Criador, não se pode deixar de considerar a ação do Espírito Santo nas almas, conduzindo-as pelas mais diversas vias. O exemplo da conversão do conhecido escritor francês Paul Claudel (1878-1955) ilustra bem o que se pretende afirmar. Foi durante o canto do *Magnificat*, na celebração de Vésperas na Catedral de Notre-Dame de Paris, que ele se converteu, deslumbrado com o esplendor e a beleza da liturgia.

A descrição desse momento, por suas próprias palavras, é mais eloquente que qualquer explicação teórica:

---

17) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *O Escapulário, a profissão e a consagração interior*, in Mensageiro do Carmelo. São Paulo, 1959, ano 47, ed. especial, p. 58-65.

C'est alors que se produisit l'événement qui domine toute ma vie. En un instant, mon cœur fut touché et je crus. Je crus, d'une telle force d'adhésion, d'un tel soulèvement de tout mon être, d'une conviction si puissante, d'une telle certitude ne laissant place à aucune espèce de doute que, depuis, tous les livres, tous les raisonnements, tous les hasards d'une vie agitée, n'ont pu ébranler ma foi, ni, à vrai dire, la toucher.<sup>18</sup>

Essa iluminação súbita do entendimento e afervoramento do coração, tal como se um “flash” se acendesse, é uma das formas características de atuação do Espírito Santo. Trata-se de uma experiência de Deus, sem que Ele se faça perceptível aos sentidos externos, como explica Tanquerey, “*S. Bernard l'appelle la connaissance savoureuse des choses divines*”.<sup>19</sup>

### ***A via mística do “flash”***

Essas moções da graça, podendo ocorrer até com certa frequência, têm um papel importante na vida espiritual. Elas devem ser consideradas com especial atenção, pois são momentos em que Deus se comunica de maneira mais intensa e sensível com a alma, iluminando-a e fortalecendo-a mediante a contemplação infusa.

“Via do *flash*”: eis a designação peculiar dada pelo Prof. Corrêa de Oliveira a essa graça mística, que proporciona a contemplação luminosa e fulgurante — daí seu nome —, trazendo a esta terra uma gota do Paraíso Celeste. Quanto a seus efeitos, ele assim os explicita:

O ‘*flash*’ atua sobre a alma fazendo cessar certo desequilíbrio por onde a pessoa é mais voltada às realidades corpóreas do que às espirituais, às coisas visíveis do que às invisíveis. A alma elevada assim pela graça permanece tomada por um deleite superior a qualquer outro que possa existir, torna-se, por assim dizer, leve e desimpedida, propendendo a toda forma de virtude. Ao receber um ‘*flash*’, resplandece de forma eminente, sobretudo, a Fé, dando a impressão de tornarem-se evidentes as verdades sobrenaturais. A pessoa é, por assim dizer, transposta a uma ordem de coisas semelhante à existente no paraíso e no Céu.

Cada vez que se recebe o ‘*flash*’, ainda nas suas formas mais distintas, abre-se para a alma uma possibilidade de ver estavelmente, realidades extrater-

---

18) Cf. P. Claudel, *Ma conversion*, dans *Contacts et circonstances*, Gallimard, 1940, p. 11 sq ; repris dans *Ecclesia, Lectures chrétiennes*, Paris, No 1, avril 1949, p. 53-58.

19) Cfr. TANQUEREY, A. *Précis de Théologie Ascétique et Mystique*, n. 1348.

renas que não veria, nem amaria sem ele [o *'flash'*]. De maneira que ele [o *'flash'*] é propriamente que dá à alma o motivo, a força e o termo de seu amor.<sup>20</sup>

As considerações feitas por Fr. Marie-Michel Philipon, OP, a respeito da ação da graça mediante o dom de sabedoria, exprimem com rigor teológico e, ao mesmo tempo, beleza de estilo, o mais profundo efeito do “*flash*” na alma:

Tudo aprecia à maneira de Deus, contemplando o universo, à luz daquele que é sua Causa suprema, de um modo supradiscursivo, sobrehumano, quase intuitivo, deiforme, participação eminente da Sabedoria incriada, chegando assim à mais alta via intelectual que é possível alcançar aqui na terra. O homem purificado e convertido a este ponto é semelhante a Deus, os menores atos são inspirados pelo puro amor, operando-se uma transformação total da alma em Deus, de sorte que não forma senão um só espírito com Ele (1Cor 6, 17).<sup>21</sup>

Com alegria se vê, portanto, tais dons derramados com profusa generosidade pelo Espírito Santo. Em muitos fiéis que assistem a cerimônias litúrgicas particularmente esplendorosas, por exemplo, se constata fenômenos semelhantes aos acima descritos, comprovados por suas reações de maravilhamento e pela súbita mudança de vida, após terem passado até mesmo décadas afastados da vida religiosa. Não será isso um sinal de que muitos começam a enveredar pela via da “procura do absoluto”, pela via do “*flash*”? É verdade que tais dons são concedidos a almas que trilharam longamente as vias da virtude e estão num estágio avançado da vida espiritual, mas também ocorre, por vezes, de Deus conceder graças intensas aos que se iniciam no caminho da virtude, para lhes dar a força de vencerem os obstáculos que encontram no peregrinar da existência terrena, e também para degustarem com muita antecipação as consolações que receberão na eternidade. Por isso, diz-se do Espírito Santo na sua ladainha: “*Dulcedo in tuo servitio incipientium*”.

### ***A Beleza da Criação***

A formosura de todo o universo criado é particularmente atraente para o homem. A beleza — o *pulchrum*, segundo a expressão latina, definido pela

---

20) CORREA DE OLIVEIRA, Plínio. *Excertos de conferência sobre espiritualidade*, 1971. Arquivo pessoal do autor.

21) Pe. M. M. Philipon. *Los dones del Espíritu Santo*. 2 ed. Madrid, 1985. p. 226-237.

filosofia escolástica como o “esplendor da verdade” ou o “esplendor do bem”<sup>22</sup> — atraí o homem. “Em virtude do próprio fato da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias”.<sup>23</sup> O homem é chamado a degustar, apreciar e admirar essa maravilha que a ordem da criação lhe apresenta. Ora, a época atual, mais do que qualquer outra, tem necessidade desse conhecimento e dessa sabedoria:

Finalmente, a natureza espiritual da pessoa humana encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria, que suavemente atraí o espírito do homem à busca e ao amor da verdade e do bem, e graças à qual ele é levado por meio das coisas visíveis até as invisíveis. [...] Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria. [...] Pelo dom do Espírito Santo, o homem chega a contemplar e saborear, na fé, o mistério do plano divino.<sup>24</sup>

A contemplação amorosa de Deus e das criaturas desabrocha no desejo de comunicá-la aos outros, de evangelizar, como ressaltava o Concílio: “O amor para com Deus e para com os homens é a alma de todo apostolado”.<sup>25</sup>

Assim, a consideração do universo sobrenatural e natural serve como instrumento para que as pessoas saiam de seu egoísmo, dominem suas paixões desordenadas e contemplem os sinais de Deus em tudo quanto existe — e aí se incluindo as belas obras feitas pelos homens — e assim cheguem até Ele, O conheçam e O amem tanto quanto é possível nesta terra.

### ***A “Via Pulchritudinis”***

A Igreja tem uma vasta experiência de atuação em situações difíceis, e ainda hoje continua a lançar mão de eficientes instrumentos. Entretanto, para que sua atuação produza os efeitos desejados, será preciso haver apóstolos que recordem à Humanidade as verdades teológicas e que as vivam, pois a doutrina só por si não moverá as almas. Uma evangelização baseada na pura razão não convencerá a ponto de provocar uma mudança de vida e de costumes. Se bem que a *ortopraxis* tenha assumido desde sempre um papel

---

22) Cf. GARRIGOU-LAGRANGE R. *Les perfections divines*. G. BEAUCHESNE (dir). Paris, 1936. p. 299.

23) *Gaudium et Spes*, 36.

24) *Gaudium et Spes*, 15.

25) *Lumen Gentium*, 33.

importantíssimo, as circunstâncias atualmente são tais que talvez nem sequer o puro exemplo consiga convencer os homens. Faz-se necessário algo novo. “*Nova et vetera*”, diz o conhecido adágio. Nos tesouros da Igreja, continuamente pode-se achar eficazes meios de evangelização, entre eles, o *pulchrum*.

Se, no passado, a beleza foi usada com essa eficácia evangelizadora, nos dias atuais sua utilização parece indispensável. Há muitos indícios de que se vive um momento ideal para tomar-se, com coragem e determinação, a “*Via Pulchritudinis*”. Utilizando o belo em todas as suas formas, pode-se com certeza atrair as almas para as verdades cristãs, fixá-las e fazê-las progredir na Fé. Assim sugerem os Papas dos tempos mais recentes, que acentuam sua importância como instrumento de evangelização, especialmente em se tratando de jovens e crianças. Bento XVI afirmou em 2007:

As crianças expostas ao que é estética e moralmente excelente são ajudadas a desenvolver o apreço, a prudência e a capacidade de discernimento. [...] A beleza, uma espécie de espelho do divino, inspira e vivifica os corações e as mentes mais jovens, ao passo que a torpeza e a vulgaridade têm um impacto depressivo sobre as atitudes e os comportamentos. [...]

À luz da verdade, a liberdade autêntica é experimentada como uma resposta definitiva ao “sim” de Deus à Humanidade, enquanto nos chama a escolher, não indiscriminada, mas deliberadamente, tudo o que é bom, verdadeiro e belo.<sup>26</sup>

Vê-se que para o Papa, a utilização do *pulchrum* tem um alto valor catequético. Em vista disso, é preciso utilizar na evangelização os meios adequados.

A literatura e as artes são também, segundo a maneira que lhes é própria, de grande importância para a vida da Igreja. [...] Conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob formas muito diferentes, segundo os tempos e lugares. [...] Desse modo, o conhecimento de Deus é mais perfeitamente manifestado; a pregação evangélica torna-se mais compreensível ao espírito dos homens e aparece como integrada nas suas condições normais de vida.<sup>27</sup>

Encontram-se ao alcance de todos instrumentos de valores diversos, mas todos muito úteis, como cerimônias litúrgicas, procissões, encenações teatrais, filmes, concertos, e prédicas... Mas estes devem ser pulcros, atraentes, tendentes a dar glória a Deus da melhor forma possível.

---

26) *Mensagem para o 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 24 jan. 2007.

27) *Gaudium et Spes*, 62.

## ***Beleza e esplendor na Liturgia***

Uma das maneiras pelas quais o *pulchrum* se expressa melhor é por meio do termo sublimidade. Pode-se definir a sublimidade como um grau de beleza que não tem proporção com o homem, lhe é superior, mas tem proporção com Deus. Sublimidade equivale a dizer santidade. E, em tudo quanto o homem faz, existe a possibilidade de se revelar um aspecto sublime, desde o que toca nas realidades espirituais até as coisas concretas mais comuns da vida cotidiana. Esse amor ao sublime, a tudo quanto é belo, grandioso, elevado e maravilhoso, deve estar presente desde a ação mais sagrada sobre a terra que é a Liturgia, até aos atos cotidianos mais simples.

Não é possível pensar numa evangelização eficaz, e na preparação das novas gerações para a reconstrução de uma sociedade e um mundo cristão, sem o recurso a tal instrumento. Insistindo nesse tema, o Papa Bento XVI, em sua Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, refere-se à eficácia inigualável do *pulchrum* para mover os corações:

A relação entre mistério acreditado e mistério celebrado manifesta-se, de modo peculiar, no valor teológico e litúrgico da beleza. De fato, a Liturgia, como, aliás, a Revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza: é esplendor da verdade (*veritatis splendor*). Na Liturgia, brilha o mistério pascal, pelo qual o próprio Cristo nos atrai a Si e chama à comunhão. Em Jesus, como costumava dizer São Boaventura, contemplamos a beleza e o esplendor das origens. Referimo-nos aqui a este atributo da beleza, vista não enquanto mero esteticismo, mas como modalidade com que a verdade do amor de Deus em Cristo nos alcança, fascina e arrebatada, fazendo-nos sair de nós mesmos e atraindo-nos assim para a nossa verdadeira vocação: o amor (n. 35).

Como meio de evangelização, a beleza na liturgia tem sido ao longo dos séculos a causa de incontáveis conversões. Não são raros os homens de letras que deixaram consignada em alguma obra a influência exercida pelo *pulchrum* litúrgico no processo de seu retorno à Igreja. Um desses é Joris Karl Huysmans, autor das célebres obras “*En route*” e “*La Cathédrale*”.

Mencionam eles a atração irresistível exercida pela vista dos celebrantes vestindo belos paramentos, movendo-se por entre a névoa do incenso e o tilintar das campainhas, do resplandecer dos vitrais colorindo as paredes e o chão, dos acordes do órgão fazendo solo ou acompanhando o canto gregoria-

no e o polifônico, enchendo de sonoras harmonias os espaços entre os arcos góticos dos templos.

O culto divino, para que se revista de esplendor e pulcritude, precisa dispor de templos grandiosos, ornados com uma considerável beleza. Um fato, mencionado pelo então Cardeal Ratzinger numa de suas obras, bem ilustra o apreço que os fiéis têm pelos templos belos e grandiosos e da necessidade da magnificência para o bem das almas e a glória de Deus:

As autoridades da Igreja anglicana de Nova York tinham decidido suspender os trabalhos da nova catedral. Julgavam-na luxuosa demais, quase um insulto ao povo, a quem tinham decidido distribuir a quantia de dinheiro já arrecadada. Pois bem, foram os próprios pobres que recusaram aquele dinheiro, exigindo a retomada dos trabalhos, não compreendendo aquela estranha ideia de medir o culto a Deus, de renunciar à solenidade e à beleza, quando se está diante d'Ele.<sup>28</sup>

Decorre daí a importância de celebrar com dignidade, beleza e sacralidade a Sagrada Liturgia, praticando a “*ars celebrandi*” com perfeição, tendo por fundamento uma grave e alta compenetração da grandeza da ação realizada. O mesmo se diga de tudo quanto toca às alfaias litúrgicas, desde os objetos mais simples e discretos até os mais visíveis. É através do ambiente criado em torno do altar que a alma mais facilmente se eleva à contemplação de Deus.

Na Liturgia, o *pulchrum* não é um elemento secundário, com o qual se deve ou não contar segundo circunstâncias e conveniências, mas ele tem um papel essencial. É o que Bento XVI afirma de modo claro, e por suas palavras vemos como é preciso proporcionar à beleza um lugar de honra nas celebrações:

A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi definitivamente revelado no mistério pascal. A beleza da Liturgia pertence a este mistério; é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra. O memorial do sacrifício redentor traz em si mesmo os traços daquela beleza de Jesus testemunhada por Pedro, Tiago e João, quando o Mestre, a caminho de Jerusalém, quis transfigurar-Se diante deles (Mc 9, 2). Concluindo, a beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à ação litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza.<sup>29</sup>

---

28) RATZINGER, Joseph. Diálogos sobre a fé. Lisboa: Verbo, 1985. p. 108.

29) *Sacramentum Caritatis*, n. 35.

## “A beleza salvará o mundo”

O homem é nostálgico da verdade e do bem — dizia o Papa João Paulo II —, e a nostalgia da beleza é o indício mais notório dessa saudade, ao mesmo tempo em que seu cultivo e promoção é o caminho mais curto e o instrumento mais poderoso para a recuperação dos valores transcendentais perdidos no relativismo e no hedonismo que pervadiram a época atual. É o que afirmava o saudoso Pontífice:

Nem todos são chamados a ser artistas no sentido específico do termo. Mas, segundo a expressão do Gênesis, todo homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima [...]. Um conhecido poeta polonês, Cyprian Norwid, escreveu: ‘A beleza é para dar entusiasmo ao trabalho, o trabalho para ressurgir’. O tema da beleza é qualificante, ao falar de arte. Esse tema apareceu já, quando sublinhei o olhar de complacência que Deus lançou sobre a criação. Ao pôr em relevo que tudo o que tinha criado era bom, Deus viu também que era belo. A confrontação entre o bom e o belo gera sugestivas reflexões. Em certo sentido, a beleza é a expressão visível do bem, do mesmo modo que o bem é a condição metafísica da beleza. Justamente o entenderam os gregos, quando, fundindo os dois conceitos, cunharam uma palavra que abraça a ambos: ‘*kalokagathia*’, ou seja, ‘beleza-bondade’. A esse respeito, escreve Platão: ‘A força do Bem refugiou-se na natureza do Belo’. Vivendo e agindo é que o homem estabelece a sua relação com o ser, a verdade e o bem.<sup>30</sup>

Em seu entusiasmo por essa potência da beleza na qual se refugia a “força do Bem”, João Paulo II tomava a proclamação de Dostoiévsky, de que “a beleza salvará o mundo”:

Já no limiar do terceiro milênio, desejo a todos vós, artistas caríssimos, que sejais abençoados, com particular intensidade, por essas inspirações criativas. A beleza, que transmitireis às gerações futuras, seja tal que avive nelas o maravilhamento. Diante da sacralidade da vida e do ser humano, diante das maravilhas do universo, o maravilhamento é a única atitude condigna.

De tal maravilhamento poderá brotar aquele entusiasmo de que fala Norwid na poesia, a que me referi ao início. Os homens de hoje e de amanhã têm necessidade desse entusiasmo, para enfrentar e vencer os desafios cruciais

---

30) JOÃO PAULO II. *Carta aos Artistas*. 4 de Abril de 1999, n. 2-3.

que se prefiguram no horizonte. Com tal entusiasmo, a Humanidade poderá, depois de cada extravio, levantar-se de novo e retomar o seu caminho. Precisamente nesse sentido foi dito, com profunda intuição, que ‘a beleza salvará o mundo’.<sup>31</sup>

Observa-se aqui uma convocatória para que cada cristão seja também um promotor, um incentivador e um admirador do *pulchrum*. Neste mundo do qual o belo vai sendo inexoravelmente expulso — com mais radicalidade em algumas áreas, menos em outras, mas numa tendência deveras generalizada —, soa premente esse chamado, que no fundo é o apelo das almas que vão sendo deglutidas e deformadas pelo feio. Ser evangelizador hoje significa ser também “portador do *pulchrum*”, como sugere o Concílio Vaticano II:

Este mundo em que vivemos tem necessidade da beleza para não cair na desesperança. A beleza, como a verdade, põe alegria no coração dos homens. É o fruto precioso que resiste à usura do tempo, que une as gerações e as faz comunicar-se na admiração.<sup>32</sup>

Eis um ponto ao qual devem dar redobrada atenção aqueles que têm responsabilidade sobre almas — os sacerdotes, os evangelizadores, os pais e os educadores em primeiro lugar —, pois lhes compete ajudar especialmente as crianças e os jovens na caminhada rumo ao verdadeiro, ao bom e ao belo.

Cumprе lembrar a Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, realizada nos dias 27 e 28 de março de 2006. Nela, colocou-se em evidência precisamente o papel da beleza na evangelização. Como acentuou o Cardeal Paul Poupard, presidente emérito desse dicastério, “mais que o estudo dos aspectos filosóficos, bíblicos e teológicos da temática”, aquela Assembléia teria “uma finalidade eminentemente pastoral”, propondo-se a “oferecer aos bispos e às comunidades cristãs estratégias, projetos e propostas concretas para fazer que a *Via Pulchritudinis* seja percebida e vivida como uma via privilegiada e eficaz de evangelização, de transmissão da fé cristã e de diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, mesmo que não-crentes”.<sup>33</sup>

Revela-se assim uma real possibilidade de solucionar o atual impasse da civilização: dar oportunidade a nossos contemporâneos para aquele maravilhamento diante do *pulchrum*, capaz de produzir um *choque de conversão*

---

31) *Idem*, n. 16.

32) *Mensagem do Concílio Vaticano II à Humanidade*, 8 dez. 1965, n. 4.

33) [Nota do Editorial]: Ver resenha do livro na página 125.

salvador.<sup>34</sup> Assim se manifesta Deus ao homem, numa linguagem acessível a todos, revelando a necessidade de recuperar uma verdadeira cultura cristã a fim de fazer frente ao secularismo, a conceitos que se esvaziaram perdidos na mera razão, carente de admiração e assombro diante do Criador e de Seus reflexos. Desta forma, pela ação da Igreja, abre-se a possibilidade de a beleza se unir à verdade e à bondade, produzindo aquele assombro capaz de apelar ao Homem contemporâneo e conduzi-lo ao redil de Cristo.

O Espírito Santo está sempre disposto a intervir com Sua graça. Depende, pois, do elemento humano fazer sua parte. Quanto mais cedo os evangelizadores se afervorarem na oração, na prática da virtude e no emprego dos meios certos de apostolado, colaborando com a graça, não haverá obstáculo algum que lhes resista, e grandes conversões e maravilhas da História irão acontecer.

## BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- AQUINATIS. *Opera omnia*. R. BUSA (dir). Milano, 1980.
- AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Suma de Teología*, dir. Regentes de estudios de las provincias dominicanas en España, 3 ed. Madrid, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Suma Teológica*, dir. G. C. Galache; F. García Rodríguez, IX vol., São Paulo 2001.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2001.
- CLAUDEL, Paul. *Ma conversion*, dans *Contacts et circonstances*. Paris : Gallimard, 1940. In : *Ecclesia, Lectures chrétiennes*. Paris, n. 1, abril 1949.
- BENTO XVI. *Discurso ao novo Embaixador Da República de São Marino Junto da Santa Sé*, 13/11/2008. Disponível em: <www.vatican.va>
- \_\_\_\_\_. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 8/3/2008: AAS 100 (2008) 4.
- \_\_\_\_\_. Mensagem para o 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2007. Insegnamenti. Editrice Vaticana, III, 1 (2008) 99-102.
- \_\_\_\_\_. *Sacramentum Caritatis*, 22/2/2007: AAS 99 (2007) 3.

---

34) Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA. *Revolução e Contra Revolução*. 5 ed. São Paulo: Retornarei, 2002. p. 126-127.

- CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Ministerialidade da ordem temporal em relação à Igreja*. Artigo não publicado, 1950 (Arquivo pessoal do autor).
- \_\_\_\_\_. *O Escapulário, a profissão e a consagração interior*, in Mensageiro do Carmelo, ano 47, ed. especial. São Paulo, 1959.
- \_\_\_\_\_. Excertos de conferência sobre espiritualidade, 1971 (Arquivo pessoal do autor).
- \_\_\_\_\_. *Revolução e Contra Revolução*. 5 ed. São Paulo: Retornarei, 2002.
- DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II: (1962-1965). 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Tradução: António José MASSANO; Manuel PALMEIRIM. Lisboa: D. Quixote, 1978.
- GARRIGOU-LAGRANGE R. *Les perfections divines*. G. BEAUCHESNE (dir). Paris, 1936.
- JOÃO PAULO II. Carta aos Artistas, 4/4/1999: Insegnamenti. Editrice Vaticana, XXII, 1 (1999). 704-722.
- \_\_\_\_\_. *Christifideles laici*, 30/12/1988: AAS 81 (1989) 4.
- \_\_\_\_\_. *Discurso aos Membros do Governo Português*, 12/5/1982. Disponível em: <[www.vatican.va](http://www.vatican.va)>
- \_\_\_\_\_. *Fides et ratio*, 14/9/1998: AAS 91 (1999) 22.
- \_\_\_\_\_. *Redemptor hominis*, 4/3/1979: AAS 71 (1979) 4.
- PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibatus* 24/6/1967: AAS 59 (1967) 10.
- \_\_\_\_\_. *Mensagem do Concílio Vaticano II à Humanidade*, 8/12/1965: AAS 58 (1966) 1.
- PHILIPON, Michel-Marie. *Los dones del Espíritu Santo*. 2 ed. Madrid, 1985.
- PIO XII. *Discurso aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos*. in: Documentos pontifícios. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1960.
- RATZINGER, Joseph. Diálogos sobre a fé. Lisboa: Verbo, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Fé, Verdade, Tolerância*. Lisboa: UCEDITORA, 2007.
- SAURAS, Emilio. *El Cuerpo Místico de Cristo*. Madrid: BAC, 1952.
- SENA, Catarina de. *O Diálogo*. Tradução: João Alves BASÍLIO. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- TANQUEREY, Adolphe. *Précis de Théologie Ascétique et Mystique*. Paris: Désclée de Brouwer, 1923.